

APRESENTAÇÃO

Laura Carolina Vieira¹
Felipe Carlos Damasceno e Silva²

Incerteza e insegurança são duas palavras que bem resumem o que a humanidade vem vivenciando, desde o fim do ano de 2019, quando o vírus Sars-CoV-2, causador da Covid-19, começou a espalhar-se pelo mundo, consolidando a doença como uma pandemia. Trouxe para nós pesquisadores/as da antropologia dois grandes desafios: nos manter vivos/as e manejar, em nossas pesquisas, os deslocamentos etnográficos das sociabilidades (Toledo 2021: 56) dentre outros fenômenos decorrentes das medidas de isolamento e/ou distanciamento social recomendadas pela Organização Mundial de Saúde-OMS em combate ao avanço da Covid-19 e das crises políticas (Moltingo *et al.* 2020: 7) – protagonizadas, sobretudo, por "*corpos negacionistas*" (Toledo 2021: 57) no contexto pandêmico em vigor.

¹ Doutoranda em Antropologia no PPGA/UFPA. E-mail: laura.vieira@ifch.ufpa.br

² Mestrando em Antropologia no PPGA/UFPA. E-mail: felipedamasceno33@gmail.com

O caos gerado pela pandemia convida as pessoas a repensarem a sua relação com o outro e com o planeta. Ao relatar sobre experiência com a Covid-19 do seu povo, Ailton Krenak desabafa:

A verdade é que vivemos encurralados e refugiados no nosso próprio território há muito tempo, numa reserva de 4.000 hectares – que devia ser muito maior se a justiça fosse feita -, e esse confinamento involuntário nos deu resiliência, nos fez mais resistentes. Como posso explicar a uma pessoa que está fechada há um mês num apartamento numa grande metrópole o que é o meu isolamento? Desculpem dizer isso, mas hoje já plantei milho, já plantei uma árvore... (Krenak 2020: 4).

O relato de Krenak nos dá a noção do quanto devemos aprender mais sobre as vivências de povos e comunidades tradicionais, sobretudo diante do sinal de alerta que a natureza tem nos dados com a pandemia do Covid-19. Foi com essa motivação que Laura Carolina Vieira e Felipe Carlos Damasceno e Silva se propuseram a organizar este dossiê, na busca de incitar a percepção da influência dos fatores subjetivos, biológicos, emocionais e cotidianos trazidos – e desenvolvidos – pelo contexto pandêmico. Destacamos como essas contingências circundam a individualidade e o coletivo, ambos elementos basilares para o estudo e discussão antropológica. Nesse ponto, consideramos os impactos da pandemia perpassando por diferentes caminhos: para o trabalho científico; para as/os interlocutoras/os e parceiras/os dos estudos; para a Ciência e para a individualidade de quem pesquisa como ofício. Pretendemos, com a reunião dos artigos, acompanhar como cada realidade se aproxima e partilha episódios, perspectivas e sensações com as demais.

Alguns outros pontos caracterizam essa organização de artigos: as experiências acontecem no estado do Pará, por pesquisadoras e pesquisadores ligados à Universidade Federal do Pará (seja em plano discente/docente ou então ingressos/egressos). Uma boa parte dessas produções estão diretamente associadas a vivências subjetivas e científicas dentro da capital, Belém – a qual passou por dois *lockdowns*. A maioria foi construída por discentes que tiveram suas aulas transmutadas para o mecânico meio virtual do Ensino Remoto Emergencial (ERE), esse ainda pouco conhecido, otimizado, abrangente e viável. Outras nos apresentam realidades de diferentes localidades do estado e como a pandemia interage nessas devidas conjunturas, agindo também sobre as metodologias das respectivas pesquisas. Nós nos atentamos aqui mais às semelhanças do que as singularidades, porém percebendo tais

afinidades como formas de correspondência e não equivalência. As confluências partilhadas foram e são experiências únicas, específicas. Contudo, os muitos laços circunstanciais ressoam em suas particularidades e adensam paralelos.

Em alguns momentos, a pesquisa, quem pesquisa e como se pesquisa se confundem quando estão atravessados pelos impactos da pandemia. Observa-se em boa parte dos artigos como esses elementos diferentes, mesmo que próprios aos seus contextos, dialogam constantemente com as categorias de *medo*, *risco*, *insegurança* e *trauma*. Para cada uma das formas e indivíduos, a pandemia reatualiza, de maneira imperante – e própria aos flagelos – dores, que por mais diversas, são inegáveis. É na incontestabilidade dos impactos da pandemia que o dossiê se firma, pois ainda que sejam correntes os negacionismos, é característico das dores deixar e/ou aprofundar marcas.

Parece-nos que o nosso presente fazer antropológico em meio ao caos de uma pandemia súbita³ é constatar, como ponto de partida, nossa situação como equilibristas (e por vezes, acrobatas). Oscilamos entre a preocupação com o contágio⁴ – onde nós e outros sujeitos somos potenciais vetores de transmissão – e o anseio pela continuidade de nossas pesquisas (como assim deveria ser, haja visto nosso ofício). Entretanto, essas agora parecem se desvanecer ou então se reconfigurar profundamente – uma metamorfose que nem sempre se dá nítida, descomplicada e acessível segundo a frenética dimensão temporal das crises e as anteriores estruturas burocráticas de produção acadêmica. A quebra e a construção de novas expectativas e posturas ocorrem em meio a dismantelamentos políticos, ambientais, científicos. Ela se processa durante a convulsão de uma nação que está arrebatada pela morte, fome, desemprego, violência e desalento.

Nos artigos aqui ordenados, as atividades, comportamentos e condutas, sejam na pesquisa; na atividade de pesquisar; ou naqueles que pesquisam, se mostram mobilizados a acomodar o novo panorama por meio da apropriação dos eventos pandêmicos e discussão de novas formatações. Destaca-se que o ajuste ocorre em meio a privações, desestabilidade,

³ Ainda que calculada, como nos avisaram os epidemiologistas.

⁴ E o que decorre desse, perante a saúde, perante o impeditivo às atividades comuns de pesquisa.

esforço. Equilibristas em suas cordas bambas, os autores decidem pela resiliência em se suspenderem sobre o incerto. Dessa escolha, se percebe que estão optando também, nesse mundo que damos adeus (Krenak 2019), resistir a fim de assegurar outros mundos; resistir porque ainda há vida, há ciência e há criação de futuros.

Iniciando pelo artigo de Filipe Santos das Mercês, Malenna Clier Ferreira Farias e Jorge Augusto Santos das Mercês, *“Memórias de Quadrilheiro”*: relato de pesquisa em tempos de pandemia, verificamos o potencial adaptativo da atividade científica e a aderência assertiva do concebido projeto *“Acervo Comunitário de Memória e Arte das Quadrilhas Folclóricas de Faro (PA)”* para com os meios digitais. Esse, ainda que não constitua a experiência dos festivais presenciais dos quais rememora, foi apercebido pelos quadrilheiros como canal da vivência festiva que lhes foi tomada pela necessidade de distanciamento social, possibilitando um êxtase do “presente-passado”. Os autores discorrem sobre os contornos que o trabalho de pesquisa tomou, como equilibraram as demandas sanitárias com as possibilidades logísticas e virtuais dos meios de comunicação e difusão de mídia. A partir de uma equipe qualificada, extensa e dialógica, a experiência se mostrou fecunda em nível social e acadêmico, apreendendo e demonstrando as possibilidades favoráveis para um estudo que lida com obstáculos imperantes da pandemia e que possuiu notável reverberação para aqueles sujeitos que se entrelaçam afetivamente ao festival, possibilitando que tais laços ocorressem em meio ao caos.

A autora Luzia Gomes Ferreira, em seu artigo *“Memórias em Prosa e Poesia: mulheres negras em tempos de pandemia”*, nos conduz por uma densa autoetnografia poética, apresentando suas experiências nas múltiplas situações que a pandemia a impele. Quarentena, trabalho remoto, cuidados com a saúde e sua condição existencial são trabalhadas por meio da análise do seu cotidiano, no qual procurou balancear o ritmo das oscilações que o contexto propicia. Sua subjetividade é canalizada através de sua sensibilidade artística, essa traduzida em expressivas impressões que enriquecem o formato científico. Entrelaçadas com as poesias estão enunciadas suas dores, seus traumas, suas comemorações e lutas. Atravessada por sua individualidade, pelo racismo, pela profissão, luZgomeS se encontra com outros autores, desenvolvendo interlocuções argutas sobre as

condições da pandemia no Brasil para as vivências negras. É se utilizando da arte articulada em suas experiências individuais que a autora nos guia para uma análise de eloquentes fragmentos diários que compõem as experiências pandêmicas segundo a diversidade das mulheres negras.

Em *"Existência e/ou resistência? O fazer antropológico e o uso do sistema de ensino remoto emergencial na pós-graduação em tempos de pandemia de COVID-19"*, José Carlos Almeida da Rosa aborda em seu texto sobre as estratégias utilizadas para adaptar a sua pesquisa sobre socialidade em *boites* LGBTQIA+ em Belém do Pará, em decorrência da pandemia, bem como sobre os desafios postos pelo ensino remoto a pós-graduandos/as, visto que, além das dificuldades com sinal de internet e equipamentos adequados, muitos/as discentes tiveram que lidar com o desvio de atenção causado pela presença de familiares no ambiente de estudos e com a divisão de tempo para estudar e cuidar das tarefas domésticas ou de outro familiar. Trabalhando sobre a categoria de risco, o autor apresenta as adaptações que desenvolve para as etapas exploratórias da pesquisa no momento pandêmico. Ao falar sobre o fazer antropológico nesse contexto, o autor enuncia a importância da atividade científica, na qual, com os atuais atravessamentos, demonstra a resistência e relevância dos pesquisadores.

No artigo *"A 'Era das Utopias': Os impactos da pandemia por Covid-19 no campo de uma bioantropóloga em formação"*, a autora Ana Carolina da Silva Brito de Avezedo constrói um relato da sua trajetória e adequação perante o sensível campo em unidades de saúde e domicílios, tratando do estudo da saúde de crianças de 0 a 3 anos. Em uma abordagem biocultural, a autora relata os reveses da investigação, reiterando a perspectiva biossocial da saúde por essa própria atividade de pesquisa bioantropológica. Apresentando e tratando de contrastes singulares, como o surgimento e desenvolvimento de novas vidas dentro de um contexto social de tantas perdas humanas, o artigo nos instiga a pensar como dinâmicas tão comuns acabam retrabalhadas e remanejadas dentro de uma situação de angústia, temor, incerteza. Essa configuração também aparece no ensaio *"Viva o SUS! Pelo comprometimento político com o acesso universal à saúde"*, onde Kamilla Sastre da Costa e Felipe Carlos Damasceno e Silva abordam a importância do Sistema Único de Saúde

brasileiro, sobretudo no âmbito da pandemia do Covid-19. A análise, todavia, possui uma visão crítica, na qual os autores buscaram não romantizar tal mecanismo, apontando algumas falhas decorrentes do descaso estatal.

O dossiê finaliza com dois ensaios fotográficos, sendo o primeiro intitulado "*Mulheres de Barro e Arqueologia*", elaborado por Gisela da Silva Campos, a qual apresenta alguns registros do trabalho de uma cooperativa de artesãs do município de Parauapebas-PA, fruto de ações de educação patrimonial – objeto de sua pesquisa de mestrado. Nele a autora relata sobre a mudança na forma de comunicação com suas interlocutoras após o recrudescimento da pandemia, passando do plano presencial para o virtual e dos desafios que isso vêm acarretando em sua pesquisa. Já no segundo ensaio fotográfico, intitulado "*Um porto em Oriximiná: Sobre movimentos em tempos pandêmicos e um etnográfico sobre o possível*", Juliana Cardoso Fidelis mostra os caminhos alagados anualmente, em decorrência de fenômenos naturais, que perpassa em sua pesquisa ao se deslocar-se do município de Santarém-PA até o município de Oriximiná-PA. Caminhos esses também utilizados pelos/as sujeitos/as que dialoga – oriundos de Comunidades Quilombolas região – na busca por trabalho e acesso à saúde e educação.

Desejamos a todos/as uma boa leitura e esperamos que os textos aqui apresentados possam estimular novas produções acadêmicas a respeito dos contextos apresentados.

Referências

- Toledo, L. H. ; de Souza, R. D. A. P. 2020. Sociabilidade pandêmica?. *Cadernos de Campo (São Paulo 1991)*, 29(supl) : 53-64. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v29isuplp53-64>
- Moutinho, L., Novaes, S. C., & de Niemeyer Cesarino, P. 2020. A produção científica em tempos de coronavírus. *Revista de Antropologia*, 63(1) : 7-11. <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2020.169306>
- Krenak, A. 2020. *O amanhã não está à venda*. Companhia das letras.
_____. 2019. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras.